



HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE

Enric González

histórias de
Nova Iorque



Prefácio de Carlos Vaz Marques

Tradução de Raquel Mouta

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V

PREFÁCIO

© 2015, Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título original: *Historias de Nueva York*
© Enric Gonzalez, 2006
Primeira edição: RBA Libros, S.A. Espanha, 2006

Título: *Histórias de Nova Iorque*
Autor: Enric González
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Prefácio: Carlos Vaz Marques
Tradução: Raquel Mouta
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Agosto de 2015

ISBN 978-989-671-270-9
Depósito Legal n.º 395897/15

Há neste livro uma grave inverdade (perdoe-se-me a linguagem parlamentar): escreve o autor, a páginas tantas, que o leitor, aqui, «não aprenderá grande coisa». Enric González, dirigindo-se a quem o lê, permite-se até usar o modo imperativo: «ponha de parte este livro». A ordem chega tarde de mais, evidentemente: depois de lidas 50 páginas, duvido que alguém abandone por vontade própria *Histórias de Nova Iorque*.

Reponha-se então a verdade: este livro tem muito para ensinar. Aprenderá com ele mesmo quem julga conhecer bem, ou pelo menos satisfatoriamente (ver-se-á mais adiante a pertinência do advérbio), a cidade que, diz a canção, nunca dorme. Era o caso de José Saramago.

O escritor português, radicado em Espanha até à morte, tropeçava com frequência no nome de Enric González mas não lhe dava grande atenção: «Via as suas colunas no *El País*, mas a minha curiosidade não era bastante forte para me levar a integrar os seus escritos na minha leitura habitual.»

Até ao dia, explica Saramago, em que lhe foi parar às mãos o texto que o leitor se prepara agora para começar a ler: «A palavra ‘deslumbramento’ não é exagerada. Livros sobre cidades são quase tantos como as estrelas no céu, mas, que eu conheça, nenhum é como este. Julgava eu que conhecia satisfatoriamente [cá está o advérbio] Manhattan e os seus arredores, mas a dimensão do meu engano tornou-se-me clara logo às primeiras páginas do livro. Poucas leituras me deram tanto prazer nestes últimos anos.»

Quem leu *Histórias de Londres* e *Histórias de Roma*, obras do mesmo autor, ambas já publicadas nesta colecção, não terá dificuldade em identificar o prazer a que se refere Saramago.

Histórias de Nova Iorque é uma saborosíssima crónica sobre a cidade que, sendo a capital do mundo, não chega a ser sequer (aprendi isto aqui) a capital do estado norte-americano de que faz parte e a que dá o nome.

Aprendem-se aqui muitas outras coisas fundamentais, como — para só nomear algumas das mais prosaicas — a distinção entre os Yankees e os Mets, a origem da palavra *boss* e do touro de Wall Street, qual a melhor cerveja da cidade, onde comer os melhores *steaks* e qual «o melhor mês para as epifanias nova-iorquinas».

Também há partes tristes, lá mais para o final, com a morte de três amigos, mas em matéria de lágrimas cada um gere as emoções à sua maneira, conforme pode. «Não consegui chorar, como não consegui, e ainda não consigo, pela morte da minha filha. É verdade que chorei quando morreu

Enough, a minha gata. Devo ter avariado o mecanismo das lágrimas.»

A proximidade humana, íntima, emotiva e simultaneamente contida, torna únicos estes livros (o de Nova Iorque, tal como o de Londres e o de Roma); livros para os quais «a palavra ‘deslumbramento’ não é exagerada.»

A exactidão com que Enric González nos conduz entre peripécias do passado e observações argutas sobre o presente permite-nos viajar com ele entre o entusiasmo e a repulsa. «O esterco e as flores. Nova Iorque.» Um pequeno prodígio de concisão — tanto a frase atrás citada, como este breve livro, onde não há um parágrafo a mais. Não admira que González confesse «que queria ser epigramista, ou redactor de pequenos versos para os bolinhos chineses».

Nem tudo são epigramas, no entanto. Há também cenas do mais puro *slapstick*: como quando o escritor vê dois polícias a correr para ele, de arma em punho e, num gesto automático, assustado, levanta de imediato os braços, deixando cair os sacos que carregava, para depois ver passar por si os agentes da autoridade, numa perseguição em que ele não passava afinal de um figurante embaraçado: «Baixei os braços de forma dissimulada, como se me estivesse a espreguiçar, apanhei os copos partidos, atirei tudo para dentro de um caixote do lixo e tentei tapar a cara com o cachecol, porque com o susto nem me apercebera de que estava gelado.»

O sentido de humor de González é mais frequentemente melancólico do que amargo. Como quando nos

inclui a todos — literalmente todos — na observação, ao longe, do mais icónico e inescapável dos monumentos nova-iorquinos: «Dei um passeio pela ponte de Brooklyn e fiquei um momento embasbacado, olhando à distância para a Estátua da Liberdade. Emocionei-me um pouco. Só se emociona com aquela estátua quem é parvo. E quem não se emociona também o é.»

No fundo, é como as célebres cartas de amor de Álvaro de Campos. São ridículas. Mas afinal só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas.

Histórias de Nova Iorque é uma carta de amor à cidade que é «o centro do centro do mundo», com o seu esterco e as suas flores.

CARLOS VAZ MARQUES

HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE

DIZ-SE QUE, QUANDO EM NOVA Iorque são três da tarde, na Europa são nove horas há dez anos atrás. Talvez assim seja. A voracidade do tempo foi avançando para ocidente e fechou o círculo no Oriente: o futuro de hoje ruge em Xangai. Não sei se Nova Iorque vai uma década à frente. O cinema da nossa memória torna-a tão conhecida, que já faz parte do passado. Mas não interessa, cheguei com atraso e tenho ideias confusas sobre o progresso. Podendo escolher, teria visto pela primeira vez os molhes do Hudson por volta de 1960, do convés de um transatlântico, e teria desembarcado numa cidade onde não havia almoço sem antes se tomarem três martinis, nem taxistas sem gravata, onde se fumava sem filtro, num tempo em que Times Square era a Babilónia e não uma encruzilhada barulhenta envolta em anúncios luminosos. A cidade de 1960 era jovem e cínica, arrogante, intacta.

Como segunda opção, escolheria o longo Verão dos anos vinte, corrupto e turbulento, com uma viagem num navio da marinha mercante e uma chegada nocturna aos molhes industriais do East River. Da ponte de Brooklyn, com o sol nascente nas costas, teria visto o amanhecer reflectido numa silhueta urbana que não era a mais célebre do mundo,

nem tinha tantas torres de vidro como hoje. O lado oriental de Manhattan, com as planícies de Greenwich, os cumes de cimento e mármore de Midtown, e as colinas de Battery, ainda em construção.

Outra hipótese seria chegar hoje mesmo. Os Yankees ganharão e os Mets perderão em circunstâncias escandalosas; as pessoas passarão junto de um terreno em construção onde antes havia duas torres muito altas e olharão, como de costume, para as montras da Century 21; no Holland Tunnel continuará assinalada a fronteira com Nova Jérсия e os Estados Unidos, esse país imenso, absorto nos seus centros comerciais, nas suas bíblias, nos seus revólveres e nos seus fantasmagóricos inimigos exteriores; e em Washington Square alguém se sentará diante do tabuleiro ocupado por Bobby Fischer e deslocará, como ele, o peão do bispo da rainha preta para construir uma defesa siciliana. Em Nova Iorque, que nada sabe da nossa memória sentimental nem do nosso calendário, é sempre hoje e todos os momentos contam.

«Em Nova Iorque, o presente é tão poderoso, que o passado se perdeu.» Quem o disse foi John Jay Chapman, ensaísta nova-iorquino que em 1900 proferiu o discurso de graduação no Hobart College com a seguinte recomendação: «Esqueçam a reputação. Deixem-se odiar, deixem-se ridicularizar, deixem-se ter medo e deixem-se duvidar, mas não se deixem amordaçar. Façam o que bem vos apetecer, mas digam sempre o que pensam.» Ignoro o que terão feito aqueles jovens na vida. Se deram ouvidos a Chapman e se

negaram a estar calados, foram típicos cidadãos nova-iorquinos.

Discordo, no entanto, da afirmação de que o «passado se perdeu». Não. O passado é esquecido sem contudo se perder.

O passado de Nova Iorque é dominado pela Holanda, a potência fundadora, e diverge dos restantes passados norte-americanos. Nova Iorque não foi puritana como as outras colónias; Nova Iorque nasceu do comércio, não da agricultura, e acreditou mais em piratas do que em pregadores; Nova Iorque teve uma breve relação com a escravatura (já com o dinheiro dos escravagistas, a coisa foi diferente), teve pouca fé na independência e nunca mostrou um respeito exemplar pela autoridade no seio da União. Nova Iorque, nascida Nova Amesterdão, foi e ainda é refúgio de livres-pensadores, charlatães, inadaptados e gente excêntrica. Os primeiros quatrocentos habitantes de origem europeia falavam dezoito idiomas distintos, apesar de serem quase todos oriundos de Amesterdão.

Se disso restassem dúvidas, a bandeira da cidade de Nova Iorque exhibe as cores azul, branca e laranja, as mesmas da bandeira holandesa no século xvii. No brasão, vêem-se pás de moinho, um marinheiro, um índio, dois castores e uns barris de farinha.

O presente nova-iorquino é tão poderoso que absorve o passado e o futuro. E, no entanto, o passado mantém-se. Nova Iorque foi a primeira cidade do mundo onde o trabalhador deixou de falar no seu senhor ou amo (*master*, em inglês),

e a partir do termo neerlandês *baas*, que significava exactamente «amo», inventou *boss*, que significa simplesmente «chefe». Os nova-iorquinos são assim, malcriados e desrespeitosos para com o mundo em geral. Às vezes, irritam-se. Insultam por qualquer coisa. Podem parecer hostis, mas não: são simplesmente insolentes e malcriados.

Penso que aqui se exige uma advertência, talvez decepcionante, ao leitor europeu. Os cidadãos de Nova Iorque têm fama de cínicos, descrentes e materialistas porque é assim que os outros americanos os vêem; a verdade é que quase todos os espanhóis são mais cínicos e descrentes do que o chefe máximo dos chulos do Bronx. Em matéria de niilismo, nós, europeus, não temos rival. As causas não são para aqui chamadas, sejam elas históricas, religiosas ou alimentares, não interessa. Enfim, era apenas um aviso, para evitar confusões.

Prossigamos. Todas as vidas nova-iorquinas, desde a mais solitária e acanhada à mais mundana e atarefada, são possuidoras, a meu ver, de uma rara intensidade. Talvez não se trate de intensidade, e sim de alvoroço superficial, mas vai dar ao mesmo. Todo o monólogo interior é sujeito a um assalto constante, por muito que a pessoa se feche em casa, assalto esse perpetrado pelas luzes, pelos sons, pelos cheiros, pelo zunido omnipresente do dínamo urbano e das palavras, dos milhões de palavras que andam sempre no ar. O lampejo de um néon incrusta-se na recordação de infância que tínhamos na cabeça e transporta-a, distorcida, até ao presente. Uma faísca de futuro brilha numa montra. As gárgulas riem,

as bocas de esgoto cospem o vapor dos canos de água quente, encrespa-se um coro de buzinas e as palavras revolteiam como pássaros.

O nova-iorquino é um indivíduo que fala. Muito. Tudo o resto é secundário. O dono de um bar do terminal da American Airlines no Aeroporto J. F. Kennedy, por exemplo, nunca saiu da cidade, e orgulha-se disso. Limita-se a conversar com os clientes (em duas décadas de profissão, aprendeu a desenrascar-se em espanhol, alemão, italiano e, que eu saiba, arranha um pouco de polaco) e a regressar todas as noites para o seu apartamento em Brooklyn com alguma experiência emprestada: consegue descrever com ardor e pormenor uma aterragem de emergência no deserto, um casamento judeu em Paris ou um cenário esplendoroso em Pequim. É um indivíduo muito agradável.

O legado judaico tem, sem dúvida, o seu peso. Nova Iorque é a cidade com a maior comunidade judaica. Em muitos aspectos, isto não tem importância, pois entre um Woody Allen e um rabino ultra-ortodoxo de Williamsburg, em Brooklyn, há um mundo de distância, mas é um facto essencial em algo muito concreto: na devoção às palavras. Nova Iorque é talmúdica e mantém uma eterna discussão consigo mesma, fazendo uso de todos os recursos da oratória. Desta escola colectiva brotam histórias de forma inesgotável. E tenho a certeza de conhecer milhares de nova-iorquinos já falecidos cuja alma permanece viva nas hemerotecas. Basta-me ler as reportagens que um senhor tímido, baixinho e de óculos, de seu nome Meyer Berger,

publicou diariamente, durante mais de cinquenta anos, nas páginas locais do *The New York Times*. Berger, judeu, filho de imigrantes checos, nascido no Lower East Side, foi um dos melhores jornalistas de todos os tempos, embora, exceptuando a condenação de Al Capone por fraude fiscal, nunca cobrisse acontecimentos de primeira página. O forte dele era falar com as pessoas e contar o que acontecia numa dada esquina ou nas traseiras de certa loja. Escreveu a sua primeira crónica em 1911, aos treze anos, sobre um indivíduo que engoliu duzentas e cinquenta e sete maçãs de uma assentada. Foram cinco linhas apenas. Mas o devorador de maçãs, à semelhança de todas as pessoas que passaram pela coluna de Berger, atingiu a imortalidade. Se Nova Iorque nos parece tão familiar, isso deve-se em parte ao trabalho de pessoas como Meyer Berger.

Nevava quando cheguei pela primeira vez a Nova Iorque. Estávamos em Janeiro de 1984, a epidemia de *crack* e violência ocupava a primeira página do *Daily News*, e eu andava com pouco dinheiro. Entrei num autocarro para ir do aeroporto até ao centro, e um sujeito desgrenhado, de cigarro entre os dentes — o condutor, vim depois a saber —, perguntou-me se eu tinha sorte. Deduzi que o homem estava pedrado. O *crack* bate forte, pensei eu, e procurei dar-lhe uma resposta suficientemente frouxa para evitar que a nossa amizade incipiente fosse mais longe. Balbuciei com um leve sorriso algo do género: — Sou europeu, acabo de chegar, vamos ver. O condutor insistiu: — Em Nova Iorque a sorte faz falta.

O homem tinha razão. Naquela altura, eu não sabia disso e ainda demorei a perceber, mas o homem tinha razão. Uma temporada em Nova Iorque muda qualquer pessoa, para melhor ou para pior. A vida em Nova Iorque é um desporto de velocidade, e são os reflexos que acabam por decidir a sorte. Tem a ver, seguramente, com o tipo de pessoa que a cidade atrai. Poucos vão para Nova Iorque na reforma ou à procura de uma vida tranquila. Para Nova Iorque, vai-se trabalhar e viver com a maior intensidade possível, o que acarreta riscos. E a sorte faz falta. Eu tive sorte, suponho. Alguns dos meus amigos nunca tiveram.

Outro aviso, e prometo que é o último. Os livros sobre cidades costumam ser de dois tipos: histórias de amor embelezadas ou crónicas tristes de uma decepção. Neste livro, não há decepção. Gosto de Nova Iorque para lá do que é razoável. Amo esta cidade. Por outro lado, Nova Iorque tem muito de amante fatal e, neste momento, prefiro amá-la à distância. Creio que não voltarei a vê-la.

NOTA BIOGRÁFICA

ENRIC GONZÁLEZ nasceu em Barcelona, em 1959. Começou a sua carreira em jornalismo aos dezassete anos, escrevendo para três publicações periódicas catalãs antes de, na década de 1980, ingressar no *El País*. Foi correspondente deste jornal em Londres, Paris, Nova Iorque, Washington e Roma. Cobriu a Guerra do Golfo, o genocídio do Ruanda e os ensaios nucleares no Atol da Moruroa, entre vários outros grandes acontecimentos dos séculos xx e xxi. Em 2012 deixou este jornal para escrever uma crónica semanal no *El Mundo*.

Em 2006 recebeu o Prémio Cirilo Rodríguez para melhor correspondente da imprensa espanhola e, em 2009, o Prémio Cidade de Barcelona de Jornalismo. É autor de cinco outros livros: *Histórias de Londres* (1999), *Historias del Calcio* (2007), *Histórias de Roma* (2010), *Cuestión de Fe* (2012) e *Memorias Líquidas* (2013).

NESTA COLECÇÃO

- | | | | |
|--|---|--|--|
| Morte na Pérsia
<i>Annemarie Schwarzenbach</i>
(trad. Isabel Castro Silva) | Na Síria
<i>Agatha Christie</i>
(trad. Margarida Periquito) | Viagem a Tralalá
<i>Wladimir Kaminer</i>
(trad. Helena Araújo) | Hav
<i>Jan Morris</i>
(trad. Raquel Mouta e Vasco Gato) |
| Uma Ideia da Índia
<i>Alberto Moravia</i>
(trad. Margarida Periquito) | A Viagem dos Inocentes
<i>Mark Twain</i>
(trad. Margarida Vale de Gato) | Histórias de Londres
<i>Enric González</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) | Mi Buenos Aires Querido
<i>Ernesto Schoo</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) |
| Paris
<i>Julien Green</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) | Viva México
<i>Alexandra Lucas Coelho</i> | Os Primos da América
<i>Ferreira Fernandes</i> | Histórias de Roma
<i>Enric González</i>
(trad. Rita Almeida Simões) |
| O Japão é Um Lugar Estranho
<i>Peter Carey</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) | Jerusalém — Ida e Volta
<i>Saul Bellow</i>
(trad. Raquel Mouta) | Cadernos Italianos
<i>Eduardo Pitta</i> | A Estrada para Oxiana
<i>Robert Byron</i>
(trad. Raquel Mouta) |
| Veneza
<i>Jan Morris</i>
(trad. Raquel Mouta) | Caminhar no Gelo
<i>Werner Herzog</i>
(trad. Isabel Castro Silva) | Um Gentleman na Ásia
<i>Somerset Maugham</i>
(trad. Raquel Mouta) | Dália Azul, Ouro Negro
<i>Daniel Metcalfe</i>
(trad. Susana Sousa e Silva) |
| Caderno Afegão
<i>Alexandra Lucas Coelho</i> | Cartas do Meu Magrebe
<i>Ernesto de Sousa</i> | Mais Um dia de Vida — Angola 1975
<i>Ryszard Kapuściński</i>
(trad. Ana Saldanha) | Era Uma Vez em Goa
<i>Paulo Varela Gomes</i> |
| Disse-me Um Adivinho
<i>Tiziano Terzani</i>
(trad. Margarida Periquito) | Viagem de Autocarro
<i>Josep Pla</i>
(trad. Carlos Vaz Marques) | Vai Brasil
<i>Alexandra Lucas Coelho</i> | Viagem à Volta do Meu Quarto
<i>Xavier de Maistre</i>
(trad. Carlos Sousa Almeida) |
| Nova Iorque
<i>Brendan Behan</i>
(trad. Rita Graña) | O Colosso de Maroussi
<i>Henry Miller</i>
(trad. Raquel Mouta) | Dicionário de Lugares Imaginários
<i>Alberto Manguel e Gianni Guadalupi</i>
(trad. Carlos Vaz Marques e Ana Falcão Bastos) | Terra Nullius
<i>Sven Lindqvist</i>
(trad. Luís Mexêdo) |
| Histórias Etíopes
<i>Manuel João Ramos</i> | O Murmúrio do Mundo
<i>Almeida Faria</i> | | |



histórias
de
Nova
York

*foi composto em
caracteres Hoefler
Text e impresso na
Rainbo & Neves, Artes
Gráficas, em papel
Coral Book de 90 g, no
mês de Agosto de 2015.*